

## Da arara-azul à gaivota do litoral sul: o PAIETS como espaço do sentir, aprender e criar

Roberta Avila Pereira<sup>1</sup>, Lisiane Costa Claro<sup>2</sup>

### Resumo

Na obra *O voo da arara-azul: escritos sobre a vida, cultura e educação ambiental*, Brandão (2007) aborda a representação da Arara-azul como uma compreensão da condição de fragilidade – própria do ser humano –, mas, também, da viabilidade de resistência e esperança num cenário que tende a capturar os sonhos e a existência digna. Nesta relação, inspirada nas viagens da Ararinha, narramos sobre a aventura, nos voos, percursos, direções e ninhos do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) por meio da alegoria da *arara-azul* criada por Brandão (2007). Assim, ao olharmos para o céu no extremo sul do litoral Sul, enxergamos que o PAIETS se nutre ao mergulhar na concepção de educação popular, por meio dos aprendizados com Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. Trata-se de um voo extensionista por meio da experiência de cursos pré-universitários populares na cidade do Rio Grande (RS). Nosso ancoradouro, portanto, expande-se às novas possibilidades de esvoejar rumo à transformação da universidade e da sociedade.

### Palavras-chave

Educação Popular. Extensão. PAIETS.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; professora substituta da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus Tocantinópolis, Tocantins, Brasil. E-mail: robertapereira@mail.uft.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; professora da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus Tocantinópolis, Tocantins, Brasil. E-mail: lisiane.claro@mail.uft.edu.br.

## **From the blue macaw to the South Coast seagull: PAIETS as a space for feeling, learning and creating**

Roberta Avila Pereira<sup>3</sup>, Lisiane Costa Claro<sup>4</sup>

### **Abstract**

In the work *O voo da arara-azul: escritos sobre a vida, cultura e educação ambiental*, Brandão (2007) approaches the representation of the blue macaw as an understanding of the condition of fragility – typical of human beings –, but also the viability of resistance and hope in a scenario that tends to capture dreams and dignified existence. In this relationship, inspired by Ararinha's travels, we will narrate about the adventure, the flights, routes, directions and nests of the Assistance Program for Admission to Technical and Higher Education (PAIETS) of the Federal University of Rio Grande, through the allegory of the blue macaw" created by Brandão (2007). Thus, when we look at the sky at the south end of the South coast, we see that PAIETS nourishes itself by diving into the concept of Popular Education, through learning with Paulo Freire and Carlos Rodrigues Brandão. It is an extension flight through the experience of popular pre-university courses in the city of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil. Our anchorage, therefore, expands to new possibilities of exuding towards the transformation of the university and society.

### **Keywords**

Popular education. Extension. PAIETS.

---

<sup>3</sup> Master in Environmental Education, Federal University of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil; substitute professor at the Federal University of Northern Tocantins, Campus Tocantinópolis, State of Tocantins, Brazil. E-mail: robertapereira@mail.uft.edu.br.

<sup>4</sup> PhD in Environmental Education, Federal University of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the Federal University of Northern Tocantins, Campus Tocantinópolis, State of Tocantins, Brazil. E-mail: lisiane.claro@mail.uft.edu.br.

Há estórias de pássaros que se transformam em gente. Há estórias de gente que se transforma em pássaro. Há estórias de pássaros com pessoas e há também estórias de pássaros entre pássaros. (BRANDÃO, 2007, p. 158).

### **Da exigência para o voo: o impulso como início**

Reconhecemos a necessidade da propulsão por voos de esperança que possibilitem transformações no mundo, no horizonte da Justiça Social e Ambiental, do respeito às diferenças culturais e, sobretudo, à vida na Terra (nas águas, nos ares, na ardência do fogo). Por isso, escolhemos como alegoria para nossa tessitura a *Ararinha-azul* de Carlos Rodrigues Brandão. Na obra *O voo da arara-azul: escritos sobre a vida, cultura e educação ambiental*, Brandão (2007) aborda a representação da Arara-azul como uma compreensão da condição de fragilidade – própria do ser humano –, mas, também, da viabilidade de resistência e esperança num cenário que tende a capturar os sonhos e a existência digna.

Aprendemos com Brandão (2007) que esse pássaro, no contexto nordestino, nos traz lições sobre a vida no planeta. Assim, ao olharmos para o céu no extremo sul do litoral Sul, enxergamos o voo da gaivota e sua viagem, dos ares ao mergulho no mar, como possibilidade de sentir e aprender sobre pássaros, pessoas e vida. Nessa relação entre as peripécias da gaivota, inspirada nas viagens da Ararinha, narraremos sobre esta aventura, nos voos, percursos, direções e ninhos de um programa de educação popular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

### **A aventura da gaivota: os voos do PAIETS**

As memórias que constituem o ser humano podem provocar sentimentos e aprendizagens capazes de influir na percepção sobre si e sobre a capacidade de alçar voos. Ao revisitarmos nossas lembranças infantis, reencontramos na fábula sobre Fernão Capelo Gaivota, a perspectiva de existir, resistir e persistir. Esse romance dos anos 1970, de Richard Bach, reivindica o revoar para além das imposições que nos cerceiam e nos impedem dos processos de ser e de vir a ser. A personagem principal, uma gaivota inconformada com as limitações condicionantes de sua forma de ser pássaro, quer mais: mais voos e mais altos, mais rotas, mais liberdade e mais horizontes.

Lembramos com Fernão Gaivota, assim como reconhecemos na Arara-azul, a necessidade de buscarmos formas de (re)existir frente aos processos que encolhem os modos de viver e estar no mundo. Diante das situações limitadoras que os seres se encontram, é preciso tentar constituir novas maneiras de percorrer as rotas estabelecidas para a criação de tantas outras direções possíveis. Trata-se de um caminho viável aos sujeitos que almejam a possibilidade de ser mais (FREIRE, 1987).

Nesse rumo, o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS), vinculado à FURG, simboliza a busca pela humanização e por um projeto social justo através da Educação. Trata-se de um voo extensionista que emerge das *ações-editandas*<sup>5</sup> (FREIRE, 2002), por meio da experiência germinal de cursos pré-universitários populares na cidade do Rio Grande-RS no início dos anos 2000.

Dessa forma, a inauguração do primeiro voo do PAIETS enquanto programa de extensão, se dá a partir da necessidade de congregar e articular as iniciativas de pré-universitários que surgiam em diversos bairros populares na cidade e que, de forma autônoma, buscavam apoio no âmbito institucional. No ano de 2006, com o surgimento desses cursos populares em diferentes comunidades urbanas periféricas de Rio Grande, nasceu o projeto de extensão PAIETS, por meio de estudantes da universidade e professores que se vinculavam à luta pela democratização do Ensino Superior, procurando articular tais iniciativas.

A partir do ano de 2007, é aprovado o PAIETS como um Programa de Extensão contemplado no edital PROEXT 06/2007, visando contribuir na criação e manutenção de diversos cursos voltados à luta de ingresso da comunidade popular ao ensino técnico e superior públicos. Foi um marco na organização dessas experiências, sendo uma conquista importante que serviria de base para o fortalecimento da luta pelo ingresso na Universidade.

O PAIETS, naquele momento, buscava congregar essas iniciativas no horizonte da Educação Popular, objetivando a partilha dos êxitos e dos desafios presentes nos distintos contextos. Sobretudo, a proposta, em suas ações primevas, tem como intuito fortalecer as experiências na luta pelo acesso à Academia, mantendo e respeitando a autonomia de cada um dos cursos, os quais funcionavam em parceria com a comunidade geral.

---

<sup>5</sup> “A ‘ação-editanda’ ou ‘ato-limite’ é conceito chave para compreender o processo dialético a partir da conotação: ação-reflexão-ação” (FREITAS; FREITAS, 2017, p. 441). Enquanto práxis, a ação-editanda se configura como o esforço de superação dos condicionamentos (situações-limites), na busca de sua transformação.

Cabe destacar que as ações do Programa se desenvolvem por meio da relação construída entre comunidade, contexto de educação popular e Universidade. Por essa razão é tão necessário enfatizar que os cursos são das comunidades em que estão inseridos, se originam delas e se constroem pelas ações de sujeitos dessas mesmas comunidades. A universidade, através do PAIETS, tem o papel de fortalecer e integrar essas ações, auxiliando a construir a unidade de um movimento que se aproxima pelo horizonte formativo, sem descaracterizar as formas de organização e gestão de cada contexto.

Assim como a gaivota busca o alimento no mar, o PAIETS nutre-se ao mergulhar na concepção de educação popular, por meio dos aprendizados com Paulo Freire e Carlos Brandão. Nosso ancoradouro, portanto, expande-se e propicia novas possibilidades de esvoejar rumo à transformação da universidade e da sociedade.

As vivências que emergem neste percurso de Programa são indispensáveis para a compreensão do alcance do trabalho coletivo, ou em bando, junto à comunidade. O PAIETS atualmente identifica sua consolidação e pertinência na luta por uma universidade mais justa e democrática, bem como na construção de uma sociedade mais humana e igualitária, ao reconhecer as histórias de vida dos sujeitos que contribuem para sua (re)existência.

O PAIETS se constitui por meio de quatro instâncias: 1) Democratização do acesso ao espaço acadêmico, a partir dos pré-universitários populares e do curso popular de estudo para o processo seletivo para pós-graduação; 2) Na retomada à educação básica junto a jovens e adultos (das comunidades tradicionais de pesca artesanal, em que o PAIETS surge como parceiro de organização); 3) Na permanência de sujeitos oriundos de comunidades quilombolas e indígenas no espaço acadêmico; 4) Na formação docente da rede pública junto à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nesse rumo, como a primeira frente de atuação, o PAIETS reúne cursos pré-universitários populares, assumindo-se como um movimento que busca a articulação entre as comunidades urbanas periféricas, como também comunidade rural, por meio da busca ao direito do ingresso das camadas populares nos espaços educativos, historicamente destinados às camadas mais abastadas. Nesse processo de reivindicação pelo acesso à Universidade, aproximadamente 80 educadores populares, a cada ano, sejam acadêmicos de cursos de graduação ou pós-graduação, ou profissionais graduados, auxiliam no preparo ao ENEM, a partir de uma prática educativa comprometida com a educação popular.

Encontram-se vinculados ao programa sete cursos pré-universitários populares no município do Rio Grande-RS, que estão em desenvolvimento nas vilas e bairros populares da

cidade. São eles: Paideia; Maxximus; Fênix; Acreditar; Quinta Superação; Esperança; e Pré-Universitário Popular Povo Novo. O Programa também desenvolve atividades na luta pelo acesso à Pós-Graduação, visando auxiliar a camada popular para as etapas do processo seletivo de mestrado e doutorado na área de ciências humanas, através da organização de um curso preparatório. O pano de fundo desses contextos assume o contorno de uma paisagem que é desenhada no Litoral Sul, lugar banhado pelas águas, em que a vista é composta pelos grupos de gaivotas que ousam em seus voos e sonhos. Assim como migram os pássaros, nossa estória também percorre caminhos outros.

Na travessia entre o mar e a lagoa, o PAIETS está presente no município vizinho de São José do Norte, com o curso Ousadia Popular. Além desses espaços, o Programa expande suas rotas, acolhendo um curso pré-universitário popular em Capão do Leão-RS, Curso *Up*, e um em Santo Antônio da Patrulha-RS, o Super Ação Comunitária (Saci).

Com relação à terceira instância do PAIETS, que se refere à reivindicação pela permanência dos sujeitos oriundos das comunidades tradicionais indígenas e quilombolas no espaço acadêmico, desde 2012, em coerência com a Lei nº 12.711/2012, que trata da Política de Cotas, o PAIETS Indígena e Quilombola surge enquanto uma demanda voltada ao acolhimento e à permanência de estudantes indígenas e quilombolas. Nesse sentido, as práticas desse subprograma visam realizar um acompanhamento desses estudantes por meio de oficinas, realizadas por intermédio da equipe de educadores-bolsistas do PAIETS. Esses encontros emergem por meio do diálogo sobre as demandas em relação aos desafios enfrentados pelos educandos ao adentrar na Universidade, trabalhando a partir das suas necessidades para uma melhoria no seu desempenho enquanto graduando.

A respeito da retomada do acesso ao ensino básico, o PAIETS também promoveu, a partir de parcerias, práticas educativas em zonas periurbanas e rurais com o Ensino de Jovens e Adultos de comunidades de pesca artesanal. O espaço buscava “oportunizar aos pescadores e seus familiares a continuidade de seus estudos, de forma a valorizar seus saberes e vivências, possibilitando a conclusão do Ensino Fundamental e Ensino Médio” (RIO GRANDE DO SUL, 2012, p. 4). Assim, era assumida a visão de que é necessário construir os saberes a partir das experiências de vida dos educandos.

O PAIETS atuou também junto ao Curso Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social, de formação em nível de aperfeiçoamento, no espaço de formação permanente com educadores da EJA, da rede pública municipal e estadual de Rio Grande, São Lourenço do Sul e Capão do Leão. Tratava-se de um curso voltado à formação

continuada de 52 educadores da EJA, em que eram realizados mensalmente encontros em círculos de cultura. A metodologia que orientava os encontros com os educadores vinculados ao projeto, divididos em pequenos grupos, é a compreensão de que a prática educativa precisa ser repensada e ressignificada a partir do local onde *os pés pisam*.

Assim, nas quatro instâncias evidenciadas, almeja-se a democratização dos espaços formativos institucionalizados por meio de uma postura crítica e emancipadora. Por meio da educação popular, o PAIETS auxilia na responsabilidade social assumida pela FURG com a comunidade. Dessa forma, o Programa, ao longo de mais de 10 anos de voos e pousos, atingindo mais de 1.000 sujeitos, além de educadores e equipes de trabalho, buscou e ainda busca horizontes de voos possíveis, acreditando em outras possibilidades de se fazer ciência: uma ciência que não tolhe os modos de ser, estar (e também outras formas de voar) dos homens e mulheres, mas que encontra viabilidade de inovação em outros cenários, nas esferas materiais e culturais.

### **(Re)voar em tempos de vendaval**

Brandão (2007) nos relata em sua obra as condições que cerceiam a existência da *Ararinha-azul* no contexto nordestino, seja pelo impacto das mudanças climáticas causadas pela destruição do planeta ou pela mercantilização da vida da Ararinha, que têm levado ao seu desaparecimento da paisagem dos céus brasileiros. Essa narrativa que nos ensina sobre a (re)existência desse pássaro, nos aponta lições que nos provocam a olhar sobre as condições de vida dos sujeitos das camadas populares, lutas e formas de resistência frente a um horizonte de incertezas e desafios.

Consideramos que vivenciamos, nesse momento no Brasil, tempos de intenso retrocesso e encolhimentos de direitos conquistados por meio das lutas sociais, e que ameaçam as condições sociais, ambientais e profundamente ontológicas da existência digna (LOUREIRO, 2019). São tempos de vendaval que dificultam voos. Ventos fortes que dificultam o bater de asas e turvam a visão sobre o horizonte que buscamos alçar nossos voos (ou outros tantos possíveis). Ventos que sopram as bases que sustentam nossa frágil democracia brasileira, que tolhem as múltiplas formas de expressão de vida. Uma ventania que obscurece a vista sobre as possibilidades de rotas e direções.

Esses fortes ventos que observamos em nosso país são o resultado da união de forças conservadoras com seus reflexos em todo o mundo, que culminam com a recente situação

política que enfrentamos. Identificamos que se trata de um movimento de ares, sentido há bastante tempo, sob o efeito das políticas neoliberais que, no caso brasileiro, se intensificam e tornam-se vendaval em todos os campos (COSENZA *et al.*, 2020).

Falamos sobre ventanias de injustiças ambientais, de opressão, de negligência em relação aos saberes. Rajadas de ar que carregam o fatalismo expresso na palavra e, portanto, na ação, e a falsa generosidade do opressor. Denunciamos a criminalização dos movimentos sociais, das comunidades populares e das mulheres e homens que são alijados diariamente das condições à vida. Assim como a denúncia também se faz nas dores que não se transformam em crimes – oficiais – e, conseqüentemente, em punições e mudanças (LOUREIRO, 2019).

Destacamos os crimes ambientais ocorridos em Mariana e, mais recentemente, Brumadinho, cidades mineiras, que desvelam a radicalidade da ganância do capital e dos humanos que o retroalimentam. São catástrofes no ecossistema local, afetando as vidas humanas e não humanas da região.

Enquanto escrevemos essas páginas, o grande aumento de focos de queimadas na Floresta Amazônica e no Pantanal, o enfraquecimento do Ministério do Meio Ambiente, o silenciamento da Educação Ambiental nas políticas públicas (FRIZZO; CARVALHO, 2018), as quebras de impedimentos legais aos licenciamentos de grandes empreendimentos econômicos. Esses fatos demonstram e denunciam o descaso com a pauta ambiental, que não reconhece a pluralidade das formas de vida no mundo em contraposição ao domínio hegemônico e opressor.

Também sentimos o forte impacto da destruição do Ministério do Trabalho e da flexibilização das leis trabalhistas, que favorecem a desigualdade das relações e exploração de empresários sobre empregados (SILVA, 2019), favorecendo processos de dominação das pessoas entre si e sobre o planeta. A mercantilização da vida, percebida nas opressões cotidianas noticiadas sobre os povos tradicionais, dos movimentos sociais populares, dos negros/as, das mulheres, dos/as trabalhadores/as, que lutam por justiça social e ambiental e dos que buscam práticas de humanizar-se em meio a um cenário de desumanização.

Ainda, o impacto da PEC 241 (ou 55), que congela os gastos públicos, como saúde e educação. Com isso, o avanço da privatização da educação pública e a dificuldade imposta aos educadores da educação básica, que buscam espaços de formação continuada para qualificação da sua prática pedagógica. Junto a isso, a tentativa de reforma previdenciária, que encolhe (e nega) as possibilidades de uma existência humana digna e justa. Referimo-nos aos “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2002, p. 9), em que vozes são silenciadas e direitos são

tolhidos no avassalador processo que o país e o planeta, como um todo, enfrentam em decorrência da lógica econômica atual.

Ventos de retrocessos intensamente sentidos, não somente no Brasil, mas no mundo: a tentativa da definição de família incorporada à constituição brasileira; os muros que se erguem em diferentes nações com o fim de segregar as vidas violentadas por diferentes conflitos; as reinvenções das estratégias de terrorismo; a permanente impulsão do consumo que mantém a superprodução; as drásticas consequências ambientais; as fomes e as angústias.

Mediante esse cenário de incerteza e de diminuição de direitos, de reforço da lógica individualista (LOUREIRO, 2019), necessitamos de projetos e ações coletivas voltadas à luta e defesa dos direitos básicos, sendo a principal delas o acesso à educação. É nesse horizonte que buscamos projetar nossos voos de resistência e de luta. Acreditamos, mais do que nunca, em uma educação que possibilite o abrir de asas em direção à pluralidade epistemológica.

O PAIETS, nesse horizonte, enquanto gaivota que busca aprender com a história da Ararinha-azul, busca alçar seus voos na contracorrente dessas ventanias sentidas e enfrentadas. É um programa que faz seu ninho e ancoradouro junto aos sentimentos dos injustiçados, marginalizados e invisibilizados dos processos formais de educação. É um espaço de aprender *com* – com os outros, com o mundo e consigo – sobre os processos de exclusão e opressão por meio da Educação Popular. É lugar de (re)criação de vidas e existências, que buscam redesenhar cenários, alcançar horizontes e sonhos, impulsionando voos, na perspectiva do inédito-viável<sup>6</sup>.

Os sujeitos que compõem os contextos populares são aqueles que vivenciam as contradições de um modelo de sociedade desigual, marcado pelo domínio do “eu” sobre o “outro”. Por isso, é com eles, também, que se torna possível construir e anunciar outras viabilidades de relações mais solidárias no planeta, no horizonte da humanização e presença no mundo.

Nesse rumo, o Programa tem na extensão universitária a possibilidade de reivindicar não só uma Academia mais democrática e popular, como um mundo mais igualitário. Contudo, a caminhada só é possível junto aos sujeitos que atuam no horizonte da superação dos limites impostos. Esses protagonistas partem da comunidade geral, que acolhe os contextos de atuação do Programa; os educandos, que acreditam no trabalho realizado e que

---

<sup>6</sup> “O inédito viável é, pois, uma categoria que encerra nela mesma toda uma crença no sonho e na possibilidade da utopia, na transformação das pessoas e do mundo. É, portanto, tarefa de todos e todas” (ARAÚJO FREIRE, 2018, p. 265).

participam da construção destes espaços; os educadores populares, que não carregam um frágil sentido de voluntarismo, mas compreendem-se enquanto indivíduos dispostos a aprender com o outro na luta pela defesa à educação de todas as pessoas.

Nesse cenário, o PAIETS alça seus voos diante das demandas e necessidades que se apresentam, sejam elas: a promoção de espaços formativos coletivos que tematizem assuntos importantes às camadas populares (ações afirmativas, educação para diversidade, educação para paz, entre outros); organização de espaço de construção de projetos autobiográficos (NEVES, 2016), possibilitando aos educandos construir projetos de vida de si mesmo junto ao coletivo; construção de pesquisas que têm como cenário as ações extensionistas do PAIETS, por meio de educadores-pesquisadores do programa que fortalecem as asas e auxiliam a traçar as diretrizes das rotas necessárias aos voos; resistência, a cada ano, aos desafios e enfrentamentos a que os espaços de educação escolarizados são impostos (não garantia de sala de aula, educadores não remunerados), apostando no compromisso ético-político e pedagógico da construção da Universidade mais justa e plural.

É por meio da pluralidade de ideias e valores que, num contexto de crises profundas, poderá anunciar a estrutura humanizante, reivindicada por Freire (2018). Consideramos que é por meio dessa multiplicidade de rotas e cenários que a infinitude do céu possibilita buscarmos caminhos necessários e urgentes à existência humana, justa, digna com o outro, com e no mundo.

É essa paisagem desenhada que nos ensina e aponta as direções que desejamos seguir nos nossos voos, ressignificando as relações no e com o mundo. Buscamos, com nossos bateres de asas, auxiliar no movimento de novos ares, gerando sopros de justiça e humanização. Tarefa difícil e árdua, que algumas vezes exigem pousos no ninho para descanso e fortalecimento, mas, em seguida, ergue novamente suas asas para retomada do voo (luta) no horizonte que se aproxima. Essa gaiivota educadora popular, sem temer os ventos que a desafiam, nutrida por muitos sujeitos, estende suas asas na busca pela reconstrução da universidade e sociedade.

### **Ancoradouros e chegadas: a necessidade do pouso**

Aprendemos com a *Ararinha-azul* que é preciso não somente voar, mas pousar e construir ninhos, moradas que permitem nutrir, fortalecer e refletir sobre tudo que nos alija o direito de ser mais pássaro e gente. Aprendemos com a educação popular o cuidado de si e do

mundo, que proporciona novas relações no e com o mundo e, em consequência, possibilita uma abertura à expressão de novos modos de ser e voar, pautados na coletividade e nos valores para a vida humana e do planeta.

Dessa forma, ao buscarmos compreensões sobre o mundo, pessoas e pássaros, descobrimos que a esperança crítica e o sonho são o alimento para criar possibilidades de construção de uma nova relação humanidade e natureza. A educação popular, por meio da extensão, nos mostra que essas possibilidades abrem asas, impulsionando voos, junto a sonhos, lágrimas, lutas e suor de gentes que querem ser mais gente. Através da esperança e com vontade de ir além das condições desumanizantes é que encontramos possibilidades de alçar voos que anunciam um mundo mais solidário e justo.

O PAIETS, enquanto gaivota, busca na educação popular o mergulho que o nutre e o fortalece. De modo que, no campo e nos céus da extensão universitária, projeta seus voos encharcando em suas asas uma concepção que preconiza, enquanto horizonte, outras formas de fazer-se no e com o mundo. Busca-se popularizar os conhecimentos, reivindicar formas mais solidárias de produzi-los, construir uma extensão desses conhecimentos de maneira a transformar o âmbito acadêmico, ensinar a questionar e ensinar a *pensar certo* – no horizonte da dignidade humana e do bem-estar social comum.

Por isso, o Programa encontra nas atividades extensionistas a possibilidade de reivindicar não só uma Academia mais democrática e popular, como um mundo mais igualitário. Contudo, a caminhada só é possível junto aos sujeitos que atuam no horizonte da superação dos limites impostos frente ao modelo hegemônico.

Compreendemos que a entrada das camadas populares na Universidade representa a ampliação da luta pela justiça social. Os contextos trabalham em favor da luta dos oprimidos, estando a formação humana presente em cada contexto, o diferencial que nutre as expectativas de um projeto de sociedade menos desigual. Assim, é preciso destacar que o Programa é nutrido pelos sonhos dos inconformados com as desigualdades e com as opressões, que ao buscarem uma sociedade mais justa por meio da garantia dos direitos conquistados pelo povo, acreditam e trabalham em favor da humanização e da transformação social.

Enfrentamos tempos difíceis, com ventos que tendem a sufocar sonhos e existências. Contudo, assim como a Ararinha-azul nos ensina, nossas existências e modos de ser no mundo já são (re)existências. Cada voo que ousamos sonhar na contracorrente dessa ventania representa a resistência a tudo que nos alija o direito de “ser mais”. Por isso, acreditamos que

cada pequeno bater de asas, engendram em si força, esperança crítica frente a uma paisagem que se apresenta nebulosa e sombria. É preciso resistir mirando o infinito de possibilidades de cada novo voo!

## Referências

BRANDÃO, C. R. **O voo da arara-azul**: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental. Campinas: Autores Associados, 2007.

COSENZA, A. *et al.* Voos e pousos nas janelas existenciais da educação ambiental. **Ambientalmente Sustentável**, Espanha, Ano 15, v. 27, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2020.

FREIRE, A. M. A. Inédito viável. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 231-233.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Digitalizada por Coletivo Sabotagem, 2002. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf). Acesso em: 2 mar. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, A. L. C. de; FREITAS, L. A. de A. A vocação ontológica do “ser mais”: “situações-limites” aproximando Freire e Vieira Pinto. **Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. 2, p. 432-448, maio/ago. 2017. Doi: 10.22633/rpge.v21.n2.2017.9964. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9964>. Acesso em: 5 maio 2020.

FRIZZO, T. C. E.; CARVALHO, I. C. de M. Políticas públicas atuais no Brasil: o silêncio da educação ambiental. **REMEA**, Rio Grande, Ed. Especial EDEA, n. 1, p. 115-127, 2018. Doi: 10.14295/remea.v0i1.8567. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8567>. Acesso em: 4 fev. 2021.

LOUREIRO, C. F. B. Questões ontológicas e metodológicas da educação ambiental crítica no capitalismo. **REMEA**, Rio Grande, v. 36, n. 1, p. 79-95, 2019. Doi: 10.14295/remea.v36i1.8954. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8954>. Acesso em: 4 fev. 2021.

NEVES, J. G. **Histórias de vida no contexto da educação popular**: narrativas, projetos de vida e (auto) formação, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Político Pedagógico do Projeto Educação para Pescadores**. Rio Grande-RS, 2012.

SILVA, M. A. da. Os reflexos da crise econômica sobre os direitos trabalhistas no Brasil. **Katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 252-272, maio 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802019000200252&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802019000200252&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 abr. 2021.

Submetido em 6 de janeiro de 2021.

Aprovado em 15 de maio de 2021.